

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E AS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA VARIACÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

Solange Carvalho* – Fundaj/Falub

Estamos apresentando o resultado parcial de uma pesquisa sobre a necessidade da inserção curricular da Sociolinguística na formação docente. O professor desconhece o fenômeno linguístico denominado variação linguística para lidar com ele em sua prática pedagógica. Defendemos, pois, a pertinência Sociolinguística como disciplina em sua formação. O objetivo é diagnosticar a aplicabilidade da aceitação do uso variável em sala de aula e as implicações pedagógicas de um professor “desavisado”. Partimos do princípio de que o entendimento da variação e mudança linguística como uma característica inerente à língua, faz-se necessária à prática pedagógica do professor de Português em sala de aula, uma vez que o seu papel é o de facilitador da compreensão da língua portuguesa falada no Brasil. Discutimos também a formação e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem contemporâneo. Tomamos por base a Sociolinguística variacionista de Labov (1972) e sua Teoria da Variação, bem como as considerações sobre prestígio linguístico de Bortoni-Ricardo (2005). As reflexões que emergiram nas entrevistas sobre conceitos polêmicos como língua, norma e uso, erro desvio e variação, contribuíram para um diagnóstico que apresenta um resultado ainda fragilizado em termos do preparo do professor para lidar com a variante popular. O estudo que se pretende realizar além de subsidiar o professor em sua prática de ensino, estimula-o a desenvolver estratégias que ajudem a elevar a positividade do *ethos* do aluno a partir da aceitação da variação linguística como característica peculiar da língua e não como um entrave cognitivo seu, leva à reflexão sobre o papel da universidade na formação do professor. Este trabalho se presta ao interesse de linguistas, pesquisadores sociolinguistas, estudantes de Letras e dos que vitimam e são também vítimas do preconceito linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Variação e mudança. Proposta metodológica. O papel da universidade e do professor.

ABSTRACT

We are presenting the partial results of a survey on the need for curricular integration of sociolinguistics in teacher knowledge. This professional doesn't know about language variation in teaching practice teacher and Sociolinguistics in his formation. The goal is to diagnose the applicability of the acceptance of variable usage in the classroom and the pedagogical implications of a teacher unaware". We assume that the understanding of linguistic variation and change as an inherent feature of language, its is necessary to practice teaching Portuguese teacher in the classroom, since its role is to facilitate the understanding of the Portuguese language spoken in Brazil. We also discuss the role and training of teachers in the teaching-learning contemporary. It relies on the sociolinguistics of contemporary. It relies on the Sociolinguistics Variacionist Sociolinguistics of Labov (1972) and his Theory of Change, as well as considerations of Bortoni-Ricardo (2005) about language prestige language. The reflections that emerged in interview about controversial concepts like language, and standard usage, error and deviation variation contributed to diagnosis that presents an outcome still fragile in terms of teacher preparation to deal with the variant popular. The study supporting teachers in their teaching practice, encouraging them to develop strategies that help raise the positive *ethos* of the student from the acceptance of linguistic variation as a peculiar feature of the language and not as an obstacle their cognitive, leads to reflection on the role of the university in teacher formation. This work lends interest to linguists, researchers sociolinguistic, Literature students and those who victimize and are also victims of prejudice language.

KEYWORDS: Variability and change. Methodological proposal. The role of the university and the professor.

* Mestre em Linguística pela UFPE. Professora de Sociolinguística na Faculdade Luso-Brasileira. Revisora Linguística na Fundação Joaquim Nabuco.

1 INTRODUÇÃO

A grande dificuldade de se inserir a variação linguística na escola, como ponto de partida para a compreensão da língua, é a ausência dessa temática no currículo dos professores, sobretudo os de séries iniciais. Os docentes não foram preparados, em sua formação acadêmica, para lidar com esse fenômeno da língua. Saem da universidade com os conteúdos “engessados”, sem de fato estarem “prontos” para uma educação voltada para o combate ao preconceito linguístico. Eles vão enfrentar a grande batalha de “ensinar” a língua materna aos nativos, que embora usuários da língua, são “estrangeiros” no que respeita ao aprendizado da chamada norma padrão, como veremos no corpo deste artigo.

A sociedade brasileira é originária de uma mentalidade subserviente desde o Brasil Colônia e o é até os dias atuais. O em que o brasileiro, temendo por em risco o idioma pátrio, elege como a língua padrão a que mais se aproxima da gramática normativa que, por sua vez, privilegia a variante da elite. Assim, há um desprestígio pela forma que dela se afasta. O que William Labov, autor da Teoria da Variação (1972), provou foi que, entre a norma e o uso, há uma distância significativa e que, a variação linguística inerente à língua, A unidade linguística é o grande equívoco da língua.

No entendimento de que a variação é o primeiro passo para a mudança, construímos este artigo para levar à reflexão sobre a necessidade de se inserir na formação do professor os devidos esclarecimentos sobre a variação linguística, para que, desavisado, não venha esse docente a constranger os alunos que chegam à escola com uma variante que distinta da chamada norma culta.

Apresentamos uma discussão sobre a pertinência dos estudos da língua que incluam variação linguística, a fim de mostrar essa lacuna curricular na formação do professor e o consequente fomento ao preconceito linguístico.

Este estudo descritivo-exploratório levou em consideração o *corpus* de análise de uma pesquisa anterior (CARVALHO, 2010), sobre as atitudes linguísticas de constrangimento em sala de aula.

Assim, embora preliminar, presta-se ao interesse de pesquisadores da Educação e da Sociolinguística, bem como para os que se interessam pelos rumos que a língua portuguesa vem tomando nos últimos anos.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A QUESTÃO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

A Teoria da Variação surgiu como modelo teórico metodológico, em 1968, a partir de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, teoria também chamada de Sociolinguística variacionista, cujo objetivo era a descrição de uma língua e seus determinantes. Para esses estudiosos da língua, muito importava descrever os processos fonológicos das estruturas linguísticas na fluência temporal, provar a sistematicidade da “variação”, fundamentando-as e contextualizando-as. Esse modelo reagia à homogeneidade da língua, pois considerá-la homogênea seria o mesmo que desprezar o componente social. O que provavelmente não era a intenção de Labov.

A partir da aceitação do “axioma da heterogeneidade ordenada,” Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 29) definiram os caminhos para o estudo da mudança linguística. A variação linguística é um processo intrinsecamente ligado à mudança linguística, uma vez que antes de ocorrer a mudança, o fenômeno passa pelo processo de variação. Um modelo teórico que não leve em consideração a variação e, por conseguinte, a heterogeneidade, é incapaz de dar conta do problema da mudança. Nesse entendimento, o estruturalismo não é suficiente, e mesmo, operante no tratamento da variação e mudança linguística. Se entendemos que a mudança é o processo de substituição, não o resultado desse processo, então também poderemos afirmar que a mudança linguística também é variação, uma vez que se confronta com o caráter heterogêneo do sistema linguístico, como entende alguns estudiosos, a exemplo de Luckesi (2004).

O caso é que, mediante uma teoria da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) contribuem para a teoria geral da linguagem. A língua tem papel fundamental nas relações humanas, uma vez que já nascemos cercados pelos signos linguísticos, e, desde então, passamos por processos de aprendizados que nos possibilitam a comunicação. Toda a nossa vida em sociedade se realiza por meio da língua que viabiliza a comunicação e as relações entre os membros das comunidades. Essa dinâmica social compreende a vida cultural, científica ou literária de uma determinada comunidade. Assim a língua atua em prol da interação comunicativa entre o indivíduo e a sociedade.

A sociedade é objeto de interesse da Sociologia e à Linguística interessa a língua em uso, ou seja, a manifestação da vida em sociedade, ligando-se assim à Sociologia.

Nas décadas de 1950 e 1960, desenvolveu-se a Sociolinguística, cujo interesse está essencialmente voltado para as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas.

A Sociolinguística releva o aspecto social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades (MOLICA, 2004). Dos temas de investigação da Sociolinguística, o que optamos por focar para atender às necessidades deste estudo é a variação e, conseqüentemente, a mudança linguística. A compreensão desse fenômeno de variação e de mudança é fundamental para os estudos sociolinguísticos. Devemos, portanto, compreender bem os processos fonológicos para daí concluirmos a descrição fonético-fonológica de uma dada comunidade de fala para a análise quantitativa.

A Sociolinguística variacionista, por conseguinte, tem por objetivo a descrição estatística de fenômenos variáveis, pela qual se calcula a interferência de fatores linguísticos e não linguísticos na realização de variantes. Esse modelo teórico-metodológico considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que as explicações para os fenômenos variáveis advêm não só de fatores internos ao sistema linguístico, mas também de fatores externos a ele. Idade, sexo, nível socioeconômico, grau de escolaridade são as principais variantes relacionadas ao falante. O ambiente, o tema, o estado emocional do falante, bem como o grau de intimidade entre dois falantes estão relacionados à situação, ao contexto. São influências extraverbais que estão presentes no ato de fala.

Cabe, pois, à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade da variação, prever o comportamento regular e sistemático das variáveis e definir se o caso em estudo é de variação estável ou mudança em progresso.

2.2 O PROFESSOR DESAVISADO E OS PCN DA LÍNGUA PORTUGUESA

O docente desavisado dos processos fonológicos por que passa a língua até a mudança, “militante do idioma pátrio”, desprezando as variantes dos alunos, ocupa-se tão somente com o ensino de regras da gramática prescritiva, muitas vezes, é cabível registrar, obsoletas por se encontrarem distantes do uso entre os falantes.

Há que se considerar um documento de extrema pertinência para a orientação do professor em sua prática de ensino da Língua Portuguesa: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Embora os PCN já haja sinalizado a necessidade de incluir as

variedades formais e não formais da língua portuguesa nos livros didáticos e em sala de aula, ainda nos deparamos com as reservas do professor quanto a essa aplicabilidade.

Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participa (PCN, 2001, p.41).

O professor tem a missão de apresentar ao aluno outra variante que não a usual do aluno, uma vez que o papel da escola à qual está vinculado é disseminar a norma culta. Deve o professor em sua prática de ensino avaliar a gramática prescritiva e trabalhar com os alunos o que se aproxima e o que se distancia de sua variante. É preciso, contudo, que esse professor esteja familiarizado com as regras da gramática e também com as “regras” de uso, pois como provou Labov (1972), o uso natural da língua obedece a regras, por isso pode ser estudado sistematicamente.

É fácil, contudo, compreender a situação difícil em que se encontra o profissional em serviço nas escolas – seja da rede pública ou privada de ensino – que não teve qualquer formação relacionada à variação linguística, como é o caso de muitos que se formaram em instituição que não priorizam a pesquisa na difusão de conhecimento como é o caso das universidades federais¹, e não abrem espaço para a variação linguística. Esse professor, ao sair da instituição, está apto para ensinar a gramática normativa, com a qual está habituado a manusear, ou seja, pautando-se pelo “certo” e o “errado,” vai julgar as formas de uso e condenar aquelas que se desviarem da norma prescrita nessa gramática.

O engessamento é tal, que quando o aluno, no caso da análise sintática, por exemplo, sugere uma oração diferente daquela a que está habituado, numa situação contextual diferente, ele se perde, diz que vai pesquisar, ou, na pior das hipóteses, responde qualquer coisa para não ficar “constrangido” diante da classe, como supõe. Se, no entanto, fosse um professor avisado linguisticamente, competente no conhecimento da variação e mudança da língua, habituado ao estudo da pragmática linguística, certamente encontraria uma maneira satisfatória de esclarecer ao aluno a análise sintática desejada, ainda que para isso tivesse que apontar a desatualização da gramática em relação ao avanço da língua em uso; que ensinar a gramática “ao avesso”, mostrando a latente dissimetria entre a norma e o uso; ensinando também que a língua muda e que o primeiro passo para a mudança é a variação e que talvez por isso, ou melhor,

¹ Falo aqui em relação à Universidade Federal de Pernambuco, cujos professores são grandes incentivadores dos alunos no que respeita à pesquisa.

certamente por isso, muitas construções da linguagem devem ser estudadas para além das regras da gramática.

2.3 A MELHOR MANEIRA DE INTERAGIR

Há uma preocupação recorrente em “falar bem”, mas o que de fato é isso?

[...] falar ou escrever bem não é ser capaz de aplicar regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina (MARCUSCHI, 2007, p. 9).

Segundo o professor Antônio Marcuschi é se colocar adequadamente conforme a situação de uso. O grande problema da escola e de muitos educadores é se pautar pelo “certo” e “errado”, mas o que significa isso quando de estar em jogo a construção de sentidos?

Podemos trazer à discussão as palavras de Sacconi quando relaciona a liberdade de expressão às modalidades da língua:

Um indivíduo só pode dizer-se livre no âmbito da comunicação linguística, quando conhece várias modalidades de língua e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolinguística. O ideal é que o indivíduo seja poliglota dentro de sua própria língua. [...] Conhecer a norma culta é sentir-se mais livre para comunicar-se. A norma culta pode comparar-se à etiqueta social: não é preciso usá-la para viver, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para conviver (SACCONI, 2003, p. 3).

O gramático associa a liberdade linguística ao conhecimento de mais de uma variante, quando liberdade para alguns estaria condicionado à liberdade de expressão. O indivíduo deve conhecer mais de uma variante para interagir com o maior número de atores sociais pertencentes aos diversos estratos sociais. Quando considera a ideia de ser poliglota na sua própria língua, confirma o pensamento dos variacionistas sobre a diversidade linguística. Entendemos, contudo, que essa comparação da norma culta com a etiqueta social não deve ser levada ao extremo, uma vez que sabemos que é possível perfeitamente uma boa interação sem o conhecimento das regras exigidas pela gramática prescritiva. Um bom exemplo disso é o ex-presidente Lula que era acusado pelos puristas de fugir às normas da língua, uma vez que sempre foi um excelente comunicador e articulista.

3 METODOLOGIA

3.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Para reflexão sobre a desin(formação) do professor em relação à variação linguística utilizamos os dados coletados por uma pesquisa realizada, em 2009, numa sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, no turno da noite, da Escola Cristã, cedida pelo Pr. Paulo Ortêncio, da Igreja Batista de Jardim São Paulo (IBJSP), no Recife-PE, numa parceria com a rede municipal de ensino. A infraestrutura da escola destacava-se entre outras pela estrutura física, entretanto, conforme observado na pesquisa anterior, era carente de biblioteca com acervos literários, ficando ao encargo da professora, a estratégia de arrecadar dos próprios alunos jornais e revistas para utilizar em sua prática pedagógica. Para a coleta daquela pesquisa, apresentada ao Gelne², em 2011, foi feita uma investigação que teve a duração de três meses: setembro, outubro e novembro de 2010.

A investigação nessa turma iniciou no período que compreendeu a três meses do segundo semestre de 2009, a saber, setembro, outubro e novembro.

Nossas observações em sala de aula foram fundamentais para a coleta de dados. Além do diário de campo, em que registrávamos nossas observações, fizemos entrevista coletiva com os alunos e com a professora individualmente. Para a realização da pesquisa descritivo-exploratória, optamos por uma abordagem qualitativa, uma vez que o contato direto com o contexto situacional, com o ambiente pesquisado foi fundamental para realizar as interpretações dos dados coletados. Ademais, a intenção da investigação foi de destacar mais o processo do que o produto e o ponto de vista dos informantes. Para não consideramos pertinente observar a formação da professora, a faixa etária dos alunos, a sua frequência, a condição socioeconômica dos informantes, procedimento metodológico da professora quanto à variedade dos alunos, o grau de participação dos alunos e o interesse para o desenvolvimento de novas competências.

3.2 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DOS DADOS

Em atenção à Sociolinguística na perspectiva variacionista laboviana, partimos para observação sistemática dos dados coletados pela pesquisa anterior, porém selecionando algumas variáveis sociais: faixa etária, fator econômico, escolaridade. Para controlar os dados, contudo, não consideramos necessários devido a fato de que tais

²²² Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste.

variáveis eram praticamente categóricas dispensando a análise estatística, uma vez que todos os alunos pertenciam ao mesmo nível socioeconômico, eram todos fora da faixa para as séries iniciais, e todos com a escolaridade. O que acrescentamos fora um novo olhar sobre os dados coletados concentrando nosso olhar sobre a questão do despreparo da professora. Dois anos após a primeira coleta, fizemos visitas à nova sala de aula dessa mesma professora, agora em outra escola (Escola Estadual Professor José Mariano), localizada no bairro de Areias do Recife-PE. A professora com mais experiência, numa escola que primava pela inclusão social, com alunos que apresentavam limitações de aprendizagem. Fizemos uma entrevista não estruturada com perguntas abertas e, utilizamos como ferramenta de análise nossas observações sobre o comportamento linguístico da professora em relação à variante popular dos alunos.

4 ANÁLISE DOS DADOS E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PROJETO PEDAGÓGICO

4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1.1 Avaliação do perfil da Professora 1

Formada em História pela Funeso e Especialista em História da Arte pela UFRPE, a professora 1 não apresentou conhecimento prévio algum sobre a sociolinguística variacionista. Tratava-se de uma educadora, cuja formação não abria espaço para os estudos da variação linguística. Em que pese a sua formação em História e não em Letras, parecia em princípio respeitar a variedade popular dos alunos, dando espaço para a livre expressão, ouvindo as suas opiniões, sem “corrigir” suas construções. Percebíamos, no entanto, que essa descontração não ultrapassava os vinte primeiros minutos de contato. Assim que iniciava o conteúdo gramatical, exigia silêncio, mudava o semblante, até parecia impostar a voz, em sinal de imponência e certa superioridade. Trazia os exemplos em fichas, solicitava a repetição contínua da pronúncia “correta” de uma lista de palavras que copiava no quadro e ainda “ameaçava” com a aplicação de um ditado surpresa nas próximas aulas. Em sua limitação no que respeita à ciência da linguagem, a professora parecia reproduzir o ensino tradicional já há muito ultrapassado, e quando algum aluno dizia que nunca viu tal pronúncia, que conhecia aquela palavra de outra forma, ela simplesmente sorria e dizia: “mas o certo é dessa forma que estou ensinando, vá aprendendo e memorize”. Não se dava ao trabalho

de esclarecer que havia duas formas de pronúncia, a variante popular, a forma conhecida da aluna, e a variante considerada padrão ou culta, somente mostrava que a era a norma considerada culta. Na verdade, a professora não tinha conhecimento suficiente em sua formação acadêmica que a língua é variável, que devido à heterogeneidade linguística, sobretudo em um país de dimensões continentais como o Brasil, os usuários da língua dominam normas diferentes de uso e sua variante deve ser respeitada. Como o papel da escola é ensinar a norma culta, o aluno vai à escola para conhecer essa outra variante, como mais um domínio do saber, pois necessita ascender socialmente numa sociedade que, desde o período colonial, prestigia a língua dos dominadores.

Quanto ao comportamento dos alunos, observamos que, mesmo sem entender alguns conteúdos expostos pela professora, consideravam importante tudo o que ela dizia.

A gente tem consciência de que tudo isso é importante pra nós. O que a gente precisa mesmo é se esforçar para aprender, para falar bonito como ela. Não é fácil, mais a gente consegue, se Deus quiser! Eu mesmo, vou dizer, tenho muita dificuldade de decorar as coisa que ela diz, mas a gente vai ouvindo, ouvindo e quem sabe essas coisa num vão entrando tudinho na cabeça, e quando der fé... tamos tudo falando assim, que nem ela. (Aluna A, doméstica, 49 anos, nascida no Recife).

Podemos inferir, do depoimento acima, que o valor que ela dá ao conhecimento e ao esforço para adquirir quando se reporta ao “falar bonito” da professora. Há realmente um desejo de mudar de variante e não somente de conhecer mais uma variante.

Entendemos aí a questão da valorização à língua do dominador. Trata-se de um sentimento oriundo do período colonial. Em que pese a condição socioeconômica e cultural em que se encontra, ele vai buscar alcançar o patamar que julga “mais alto”, “melhor”, e, no caso da língua, a chamada norma culta será sempre o ideal a ser alcançado, afinal não é o papel da escola outro senão o de disseminar o que se considera norma culta. A variante desse alunado será sempre pondo de desprestígio, sofrendo portando o preconceito do professor, cujo papel habitual é corrigir o aluno, mesmo em uma situação espontânea de fala, numa narrativa, como nos instrumentos de entrevista de labov, conforme apresenta Tarallo (1985), segundo o qual, ao narrar o informante fica descontraído e se expressa com naturalidade. Essa manifestação natural da língua pelo aluno é desprezada pelo professor quando em um gesto espontâneo e

habitual, corrige o aluno quando este está empolgado contando uma situação por ele vivenciada.

Observamos e registramos alguns momentos de repreensão da professora à variante do aluno:

Que é isso mulher? O que é estar desafogada? Afogada eu sei que é está mergulhada na água sem conseguir escapar... mas desafogada é o quê? Deixar de estar afogada é isso? Diga certo, 'quando eu estiver mais folgada' ... folgada de folga, entendeu?

A professora perdeu uma oportunidade de fazer um elogio à compreensão lógica da variante popular, pois conotativamente pode-se estar “afogado” em dívidas, logo é fácil compreender que “desafogado” é estar numa situação mais aliviada. Em vez de constranger a aluna, todos aprenderiam que a norma culta recomenda usar as expressões folgada e apertado para o que a variante popular usa afogado e desafogado. Presenciamos aqui a falta de tato da professora para trabalhar a norma culta sem a exposição de preconceito sobre a variante popular do aluno. Outro exemplo de reprovação constrangedora observado foi quando a aluna se expressou desta forma:

Aluna - Vixe, professora, pode repetir tudinho, a gente veve avoando nessa hora de juntar as palavras.

Professora – A gente nem veve, nem avoa. Eu vivo, tu vives, ele vive, nós vivemos, vós viveis, eles vivem. Onde tem veve aí na conjugação do verbo viver? Não se diz avoar e sim voar. De onde você tirou esse a aí?

Pudemos verificar que nas aulas da professora não eram esclarecidos os usos verbais, sequer a norma formal de uso como a “mais adequada”. Nada justificava tamanha rispidez na correção. Quanto ao acréscimo do a antes de voando, não merecia uma chamada, caso a professora conhecesse o metaplasmo linguístico chamado prótese, em que um fonema foi acrescentado no início de algumas palavras como:

stare > **estar**
Spiritu > **espírito**
Scutu > **escudo**
thunu > **atum**
mostrar > **amostrar**
levantar > **alevantar**

Se se tratasse de uma professora linguisticamente avisada não se chocaria com o “avoando” da aluna. Compreenderia que os processos fonológicos levam alterações fonéticas, seja por próteses, epênteses, síncope ou qualquer outro metaplasmo linguístico. Entenderia que é um processo natural da língua alterações e mudanças, não sendo motivo de expor a aluna ao ridículo, numa demonstração de preconceito linguístico pelo constrangimento causado. A turma toda, por sua vez, ria da aluna, como se também não falasse a mesma variante da colega.

Uma atitude assim, ainda que permeada de um aparente bom humor e descontração, deixa o aluno constrangido de se expor novamente, sendo então um entrave ao desenvolvimento de novas competências.

4.1.1 Avaliação do perfil da Professora 2

Formada em Pedagogia, com especialização em ciência da linguagem, a professora da Escola São Miguel, localizada em Alto do Mandu é mais preparada do ponto de vista da titulação e do tipo de formação. O fato de ser pedagoga já respalda o seu papel de colaboradora, contornando conflitos em sala de aula, inclusive os linguísticos.

Em que pese o seu grau de competência linguística e comunicativa se mais elevado que a professora 1, a professora 2 também mantém em seu discurso a ideia de unidade linguística, em que se norteia pela noção de certo e errado inerente ao papel da escola.

[...] eles falam por falar e se entendem entre si. Nasceram com aquelas gírias... lembramos que eles tem que aprender a norma culta e falar o mais correto possível, pois vão precisar da norma padrão para conseguirem um trabalho (Professora 2)

Podemos perceber a preocupação da professora com o aprendizado da norma padrão, de uma fala “mais correta”, com isso demonstra que, em seu entendimento, a variação linguística se resume às gírias. A professora demonstra com isso pouco conhecimento sobre variação e mudança. Questionando sobre a base que teve durante a sua formação no que respeita à variação linguística, responde que “nenhuma”. Que as informações que tem estão nos PCN e que ela por si só desenvolveu estratégias que instiguem os alunos a respeitarem as diversidades (opção sexual, religiosa e linguística), porém quando trata do ensino da língua materna, demonstra a necessidade de que os alunos assimilem por uma questão de ascensão social, as regras da gramática. Sobre uma de suas atividades em que segundo seu entendimento estaria trabalhando a língua da melhor maneira, veja-se o que segue:

Eles falam muitas gírias então eu fui trabalhar os verbetes do dicionário e mostrei para eles isso, que eles até podem se entender entre si, com esses códigos, saber o que é certo e o errado (...), mas, pelo dicionário, eles vão ver como eles erram isso todos os dias. A norma Padrão é única e a gente tem que seguir. Trabalho primeiro as diversidades, para chegar aos verbetes e mostrar o que é formal e informal... tu pode falar o que tu quiseres, digo a

eles, mas...enfim, a linguagem deles atrapalha que eles consigam melhorar de vida. Nós precisamos prepará-lo para a vida.

Novamente observamos que a professora se pauta pelo “certo” e o “errado” em língua, afirmando inclusive que só há uma maneira de falar e que é o padrão a seguir. Certamente está se referindo à norma prescrita nas gramáticas. Embora pense dessa forma, mostra-se consciente de que precisa prepará-los para a vida, mas não alcança que a vida inclui a liberdade de expressão. É consciente da diversidade linguística, e que há registros formais e informais, contudo quando se refere em preparar para a vida, quer dizer para uma vida eivada de preconceito, que não permite ao usuário da língua expressar-se com liberdade. O que serviria de exemplo para essa professora talvez fosse a trajetória de vida do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que para interagir com os mais altos escalões da sociedade não precisou de se ater a regras. O seu papel de comunicador foi cumprido não somente quando atingiu ao mais elevado posto desejado por um cidadão, mas durante toda a sua trajetória de negociações diplomáticas em que sempre atingia os seus objetivos. Esse exemplo vai na contramão do que exemplificou Sacconi (Cf. seção x) em sua comparação da norma culta com a etiqueta em que afirmou ser “absolutamente indispensável conhecê-la para conviver”. Para o ex-presidente Lula conhecer as regras da chamada norma culta foi totalmente dispensável em termos de conviência.

4.2 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO ESTUDO VARIÁVEL EM SALA DE AULA E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PROJETO PEDAGÓGICO

Nessa nova dinâmica proposta, o professor orienta o aluno para a realização de uma pesquisa que envolva o uso da língua e esse aluno trará a sua pesquisa para ser analisada em sala de aula, por ele mesmo e pelos colegas. O aluno não terá que reproduzir o que o professor trouxe e explicou, de acordo com o seu próprio raciocínio. Pelo contrário, o aluno poderá confrontar o seu uso, o de sua comunidade com as prescrições da gramática normativa e perceberá por si mesmo a grande lacuna entre a fala e a escrita, entre a chamada norma padrão tão difundida, cujo ensino é obrigatório e o uso. O aluno terá condição de entender a sua realidade, e, a partir desse entendimento terá condição de compreender a diversidade linguística, conseqüentemente, passará a compreender as prescrições gramaticais e por que elas não são seguidas pelos usuários.

O professor deverá trazer informações sobre a diferença existente entre a língua falada e escrita, a partir da distância entre os usos do Português de Portugal e do Português falado no Brasil. Ele pode trabalhar, por exemplo, a referência de João Cabral de Melo Neto às palavras de Gilberto Freyre sobre o nosso português: “ninguém falou

em português no brasileiro de sua língua”³. O sociólogo de Apipucos se referia à disparidade existente entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal, cuja semelhança é mais visível na forma escrita da língua, que está mais “presa” à Norma Gramatical Brasileira (NGB). Com tais palavras, o autor abre espaço para inferir-se a existência de duas línguas: o português e o brasileiro. Eis aí uma discussão crítica que pode instigar os alunos a opinar sobre a questão e oportunizar o professor a solicitar um trabalho de pesquisa, com gravação, entrevistas, etc, pela qual os alunos (individualmente ou em equipe) se sentirão estimulados ao conhecimento e à compreensão da língua portuguesa a partir da compreensão do fenômeno de variação. Além disso, podem contribuir de fato com os estudos variacionistas.

Nessa perspectiva, é necessário que o professor levante uma discussão crítica com os alunos sobre os valores sociais atribuídos a cada variação linguística, mostrando que o uso de algumas variantes é discriminado e que certas produções orais ou escritas devem ser repensado. A aprendizagem da língua torna-se mais fácil, a partir do entendimento de seu uso, para que possa melhor conhecer e se dá a conhecer.

6 CONCLUSÕES

Foi discutido nesse artigo a pertinência da inserção dos estudos variáveis em sala de aula como requisito para a redução do preconceito linguístico, uma vez que a partir da aceitação das diferenças linguística a ideia de certo e errado, em termos de língua, também se reduz. Uma das conclusões a que chegamos foi da importância da inserção dos estudos sobre a variação linguística na formação do professor haja vista ser necessário que este docente enfrente uma sala de aula munido dos conteúdos necessário a ser absorvidos pelo aluno, sobretudo quando este discente apresenta uma variante distante da que será estudada na escola.

As abordagens nos mostraram que o professor, antes de tudo, deve ser um profissional comprometido com a educação, além de estar se consciente de que deve ser um canal que facilita o processo cognitivo do aluno em relação ao “bom uso” da língua materna, para isso deve está aberto às novidades da língua. Se, porém, partir para o radicalismo, por algum tipo de preconceito, não poderá motivar os aprendizes e não haverá, por conseguinte, compreensão satisfatória da língua, pois os alunos não estarão

³ Essas palavras estão inscritas na parede externa da Fundação Joaquim Nabuco/Diretoria de Pesquisas Sociais, em Apipucos-Dois Irmãos, Recife-PE.

abertos às novas formas de uso e logo perderão interesse pelo estudo da língua, cujo uso nega que a língua segue um padrão.

Ficou esclarecido que o perfil do professor desavisado: 1. Sem formação relacionada à variação linguística. 2. Apto a ensinar a gramática normativa. 3. Pautando-se pelo “certo” e o “errado,” vai **julgar as formas de uso** e condenar aquelas que se desviarem da norma prescrita nessa gramática. 4. Conteúdo engessado

A questão do preconceito linguístico foi outro ponto discutido que nos permite concluir que o melhor professor é aquele que não tem nem alimenta o preconceito linguístico e insere em sua prática de ensino temas que tratem da questão para serem refletidos com os alunos em sala de aula, pois livre das amarras da tradição, estará aberto a novas perspectivas, ao fenômeno da variação e à mudança linguística. Além disso, estará preparado para desconstruir no aluno a ideia de que fala errado, reduzindo com isso a baixa estima e dando-lhe a certeza de que é possível entender a sua própria língua e com ela interagir socialmente.

Destacamos, por fim, a relevância das pesquisas dos fenômenos variacionistas, e seu incentivo a partir de discussão crítica levantada pelo professor em sala de aula, pois entendemos ser essa discussão prévia um fator motivador para que o aluno conheça melhor as características da língua e se conscientize de que sua predisposição para aprender é inata, pois todos nós nascemos aptos para conhecer e nos dar a conhecer. O grande problema que fica aberto à reflexão é que o preconceito linguístico também é aprendido e ensinado, por isso o espaço escolar se apresenta como um grande desafio para o professor, a quem a escola confere um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem, cujo foco, ele, o professor avisado sabe, é o aluno.

Ademais, um professor avisado em relação aos conhecimentos sociolinguísticos vai entender a pertinência dos estudos linguísticos variáveis e lutar para a sua inserção no projeto da política pedagógica da escola.

5 CONCLUSÕES

Foi discutido nesse artigo o fenômeno da variação linguística como pressuposto para a redução do preconceito linguístico, uma vez que a partir da aceitação das diferenças linguística a ideia de certo e errado, em termos de língua, também se reduz. As abordagens nos mostraram que o professor, antes de tudo, deve ser um profissional comprometido com a educação, além de estar se consciente de que deve ser um canal que facilita o processo cognitivo do aluno em relação ao “bom uso” da língua materna, para isso deve está aberto às novidades da língua. Se, porém, partir para o radicalismo, por algum tipo de preconceito, não poderá motivar os aprendizes e não haverá, por conseguinte, compreensão satisfatória da língua, pois os alunos não estarão abertos às novas formas de uso e logo perderão interesse pelo estudo da língua, cujo uso nega que a língua segue um padrão.

A questão do preconceito linguístico foi outro ponto discutido que nos permite concluir que o melhor professor é aquele que não tem nem alimenta o preconceito linguístico e insere em sua prática de ensino temas que tratem da questão para serem refletidos com os alunos em sala de aula, pois livre das amarras da tradição, estará aberto a novas perspectivas, ao fenômeno da variação e à mudança linguística. Além disso, estará preparado para desconstruir no aluno a ideia de que fala errado, reduzindo com isso a baixa estima e dando-lhe a certeza de que é possível entender a sua própria língua e com ela interagir socialmente.

Para finalizar nossas conclusões, destacamos a relevância das pesquisas dos fenômenos variacionistas, e seu incentivo a partir de discussão crítica levantada pelo professor em sala de aula, pois entendemos ser essa discussão prévia um fator motivador para que o aluno conheça melhor as características da língua e se conscientize de que sua predisposição para aprender é inata, pois todos nós nascemos aptos para conhecer e nos dar a conhecer. O grande problema que fica aberto à reflexão é que o preconceito linguístico também é aprendido e ensinado, por isso o espaço escolar se apresenta como um grande desafio para o professor, a quem a escola confere um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem, cujo foco, ele, o professor avisado sabe, é o aluno.

Ademais, um professor avisado em relação aos conhecimentos sociolinguísticos vai entender a pertinência dos estudos linguísticos variáveis e lutar para a sua inserção no projeto da política pedagógica da escola.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso. Por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística; educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAMACHO, R.G. Conflito entre a norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa. Tese (Doutorado), Araraquara, Unesp, 1984.

CARVALHO, S.C. “A compreensão da língua a partir do fenômeno da variação”. IV SEF – Estudos filológicos. *Anais...* Ucsal, BA, 2009.

_____. “Entre a norma e o uso. Repercussão social do estudo variável”. SINIEL – Iº SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – LINGUAGEM E SUAS INTERFACES. *Anais...* Recife: UFRPE, 2010.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SACCONI, L. A. (2003). *Não erre mais*. São Paulo: Atual.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.